

MUITO ALÉM DOS LIVROS: UMA RÁPIDA REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO TEXTUAL NO ÂMBITO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Mozart Aubert Nascimento Coelho (Pós-Crítica\UNEB)

Entre os efeitos mais perceptíveis da pós-modernidade podemos citar o chamado “descentramento do sujeito”. As categorias de interpretação já não estão localizadas no sujeito, são dadas *a priori* pelos esquemas de interpretação matemáticos e científicos. É nesse sentido que a matemática não é considerada uma ciência, mas uma forma de linguagem, ou seja, uma maneira de descrever aquilo que o conhecimento científico, e mesmo setores da filosofia, julgam como realidade. Esse processo descrito claramente por Agamben (2008) é sintetizado na constatação de que ao sujeito contemporâneo só caberia a experimentação do mundo a partir de categorias já delimitadas pela ciência. Há uma expropriação da experiência, pois a mesma não se dá mais a partir da subjetividade. A gravidade disso consiste em que não é um processo que afeta apenas a figura do cientista no exercício do seu trabalho, o que por si só já incorreria em riscos — mas também os indivíduos comuns.

Porque a experiência tem o seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe, nem ao menos aflora a ideia de fundamentar em uma experiência a própria autoridade. Ao contrário, o que caracteriza o tempo presente é que toda autoridade detém o seu fundamento no ‘inexperienciável’, e ninguém admitiria aceitar como válida uma autoridade cujo único título de legitimação fosse uma experiência (AGAMBEN, 2008, p. 23).

É nesse contexto que proponho uma reflexão sobre a produção textual e sua relação com a questão do descentramento do sujeito. Meu intuito é mostrar que a produção textual consiste em um instrumento capaz de proporcionar, de forma efetiva, ações de subjetivação e conseqüentemente de enfrentamento ao descentramento do sujeito. Talvez seja um intento exageradamente ingênuo, acreditar que o ato de escrever textos diversos tem o poder de romper com um *modus operandi* tão poderoso, mas acredito que as possibilidades estão justamente nas atitudes cotidianas. Se a “experiência” tal como colocada por Agamben (2008) foi expropriada dos sujeitos modernos e contemporâneos em suas vidas cotidianas, não serão nos momentos de excepcionalidade que encontraremos meios de resistência, ou não apenas.

Mas há uma infinidade de opções para produção de texto, como romances, poesias, ensaios, artigos, etc. Também podemos destacar uma multiplicidade de meios para disponibilizar esses textos, como a publicação de artigos em revistas especializadas, jornais, panfletos, livros, entre outros. O foco dessa reflexão que proponho são as plataformas digitais, disponíveis, sobretudo por meio da internet. Defendo que há uma urgência em reconhecer o poder dessas plataformas em disseminar ideias e proporcionar alianças entre indivíduos. Para isso é necessário repensar as

possibilidades e efeitos da “grande rede”, bem como tratar as novas tecnologias de informação a partir de outro ângulo.

É comum uma valorização da produção e publicação de livros, em detrimento de outros meios de produção textual. Em muitos casos isso toma a forma de um fetiche. Uma observação minimamente acurada em alguns espaços na internet que tratam sobre leitura e livros nos evidencia isso. No site de vídeos *Youtube* há uma infinidade de canais especializados nesse tema e o que chama atenção é que temos um perfil de leitores cada vez mais jovens. Certamente temos aqui um fato positivo, mas percebo também que há uma espécie de competição velada entre os leitores. Entre outros pontos a disputa se dá principalmente em relação à quantidade de páginas de cada livro. Nos *unboxings* de livros os mais destacados são geralmente os “calhamaços”, curiosamente eles têm lugar de destaque nas estantes que servem de cenário. Outro fator que recebe especial atenção são as capas, as mais valorizadas são as duras e com grafismos mais elaborados.

Atualmente temos muitos clubes de assinatura de livros no Brasil, acredito que o mais famoso é o *Tag Livros*. Ele oferece duas modalidades de assinatura, uma chama-se *Tag Inéditos* e a outra *Tag Curadoria*. Como o próprio nome já denota, o *Tag Inéditos* oferece mensalmente um livro nunca antes publicado no Brasil. A encadernação é simples, de brochura. O *Tag Curadoria*, modalidade mais cara, oferece mensalmente um livro com encadernação de alto padrão. As capas são sempre duras e diagramação é o seu ponto forte. É o único clube de assinatura de livros do país que lança suas próprias. Mesmo nos meses em que são enviados livros que já foram lançados no mercado brasileiro, o assinante tem a certeza de adquirir um produto único.

Atualmente o clube conta com mais de trinta e cinco mil assinantes, uma marca surpreendente em um país conhecido pelos índices baixos de leitura. Outro diferencial é que a cada mês os livros são enviados com brindes e os assinantes têm acesso a uma rede social exclusiva na qual, além de comentários, postam fotos dos seus livros nos mais diversos cenários. Observando as interações nessa rede, é possível perceber que a experiência de participar do clube vai muito além do acesso aos livros. O fetiche pelos livros grossos, bonitos (muitos deles coloridos com cores vibrantes) e a “experiência social” oferecida aos membros têm uma responsabilidade grande para o sucesso do clube.

Obviamente não estou argumentando que os livros, em seu aspecto de difusão de ideias, estão ultrapassados. O que aponto é que há um fenômeno perigoso no qual os textos presentes nos livros estão cada vez mais sendo relegados a um segundo plano. É uma pós-modernidade em um estágio extremamente avançado chegando ao mercado editorial. Assino também, há mais tempo, um clube de assinatura chamado *Calhamaço*. Ele também traz títulos de qualidade, mas provavelmente por não oferecer brindes, uma rede social e livros com encadernação exclusiva, não é

o mesmo fenômeno de vendas. Quando me associei ao *Tag Livros*, o fiz por achar interessante uma grande parte dos títulos até então lançados. Agora percebo que o fenômeno dos clubes de assinaturas de livros constitui uma oportunidade ainda não explorada para estudos.

É inegável a importância do mercado livreiro tradicional, mas aqui vou canalizar meus esforços para refletir sobre outros canais de produção e publicação de texto e prática de leitura, como afirmei anteriormente. Vivemos em uma sociedade em rede, tal como colocado por Castells (2016), onde o fluxo de ideias e informações é constante e não se dá apenas em um sentido. Acredito que todos os indivíduos inseridos nessa sociedade, onde as fronteiras são diferentes daqueles de outrora, têm a possibilidade de atuar com algum nível de protagonismo. É claro que essa possibilidade está diretamente condicionada ao acesso e destreza no uso das novas tecnologias de informação e um domínio mínimo de habilidades da língua escrita. Quando utilizo o termo “protagonismo”, o faço em alusão à possibilidade de externalizar subjetividades, transmitindo ideias e proporcionando canais de trocas de informação. Nesse sentido meu pensamento é muito sensível ao raciocínio foucaultiano sobre o poder, o mesmo sendo percebido nas mais diversas esferas da vida social.

As novas tecnologias podem ser percebidas como um leque de oportunidades, inclusive de atuação política. A política está presente não apenas em situações específicas, como carreatas, no horário eleitoral ou no ato de votar, por exemplo, mas em todo o cotidiano, inclusive na criação de um poema e produção cultural de uma forma mais ampla. Em minha pesquisa de dissertação de mestrado observo um determinado grupo de práticas culturais implementadas em um ambiente escolar e procuro analisá-lo a partir de uma noção ampla de poder e política. A partir daí julguei necessário refletir sobre o modo de inserção dos jovens no tecido social. Há séculos atrás eles eram considerados “adultos em miniatura”, posteriormente foram vistos como “seres em formação”, mas só no final do século XX e início do século XXI começaram a ser vistos, embora não totalmente, como seres dotados de vontade e capacidade de atuar com autonomia, inclusive no âmbito da política.

Não é segredo que as últimas gerações dispõem de maior intimidade com as tecnologias de informação. Assim sendo, será que não estamos negligenciando espaços como o Twitter, Facebook, Whatsapp, entre outros, como meios legítimos de produção textual e mesmo de *práxis política*? Será que as estratégias de grande parcela das juventudes contemporâneas se localizam justamente nessas ferramentas? Nos últimos anos as tecnologias de informação trouxeram mudanças importantes na forma como transmitimos ideias. Um exemplo claro disso são os *ebooks*, os chamados livros digitais. Antigamente, uma pessoa comum que quisesse publicar um livro tinha poucos meios de o fazer. Era — ou é — muito difícil lançar um livro a partir de editoras consagradas e mesmo as editoras mantidas por universidades não oferecem fácil acesso aos que não são professores ou pesquisadores. Atualmente qualquer indivíduo comum pode lançar um livro digital e colocá-lo à

venda em lojas virtuais como a Amazon, ou mesmo disponibilizá-lo gratuitamente. Passamos de um modelo em que os indivíduos comuns deixam de ser apenas consumidores de texto e passam a ser também produtores de conteúdo. Acredito que a área de conhecimento que primeiramente se atentou para esse fenômeno foi a Pedagogia, a partir da noção de letramento digital.

Outro aspecto dos textos veiculados nas plataformas digitais e que devemos aludir é que “esses textos não duram, mas possuem um poder único”. Com isso quero dizer que dificilmente os textos escritos em serviços como o Twitter, por exemplo, terão a longevidade daqueles presentes nos livros, principalmente se seus autores não forem pessoas famosas, mas isso não os impede de possuírem um poder relevante. Uma prova disso é o fato de que um dos principais canais de disputa política nessa campanha eleitoral que estamos vivendo, em 2018, são as redes sociais e a internet como um todo.

CONCLUSÃO

As plataformas digitais de comunicação representam um novo paradigma na forma como lidamos com a informação. É uma revolução que podemos comparar com a invenção da imprensa, pelo alemão Johann Gutenberg, com surgimento e desenvolvimento do rádio, do cinema, e da TV. É um ambiente que não é pautado por normas rígidas como as estipuladas pela ABNT, por exemplo, mas com um poder de persuasão e alcance cada vez mais amplo. As plataformas digitais devem ser consideradas como dispositivos políticos e até mesmo como esfera difusora de arte e cultura.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, GIORGIO. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. — Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- AGAMBEN, GIORGIO. O que é um dispositivo. In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. — Chapecó, SOCIOLOGIA. Argos, 2009.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. — 2. ed. — Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ARROYO, M. A. Universidade e a formação do homem. In: SANTOS, G. A. (Org.). *Universidade, formação, cidadania*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 33-50.
- CASTELLS, Manuel, *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venancio Majer. — 17ª edição. — São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- SANTOS, Osmar Moreira dos. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- SARTRE, JEAN-PAUL. *Que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- SAVAGE, JON. *A criação da juventude: Como o conceito de teenage revolucionou o século XX*. Trad. Talita M. Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2009.